

Transição dos jovens para a vida adulta: risco do nascimento do primeiro filho

Karla Juliana Onofre da Silva

Mestranda em Demografia – CEDEPLAR/UFMG. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes/PROEX).

Resumo:

O objetivo deste estudo foi analisar a relação entre a idade que o jovem entrou na parentalidade e a transição da vida adulta e os diferenciais sociodemográficos associados ao tempo de nascimento do primeiro filho dos jovens brasileiros entre 16 e 25 anos. Foram utilizadas informações da pesquisa “Jovens Brasileiros” (Folha de São Paulo, 2008) e empregadas análise de sobrevivência e regressão logística. Os resultados indicam que a maioria dos jovens brasileiros não transitou para a vida adulta. Para aqueles que transitaram há diferença por sexo. A educação do chefe de família reduz o risco de ter o primeiro filho.

Palavras-chave: transição para a vida adulta; primeiro filho, análise de sobrevivência

Área temática: Demografia

1. Introdução

A transição para a vida adulta é um processo marcado por eventos específicos: saída da escola, entrada no mercado de trabalho, casamento, saída da casa dos pais ou de origem e nascimento do primeiro filho. As experiências de vida dos jovens quanto à ocorrência desses eventos não ocorrem de forma universal, observa-se que algumas etapas da transição não são iniciadas e outras têm seus períodos estendidos. Trata-se, portanto, de um fenômeno complexo, pois é neste período do ciclo de vida que os jovens tornam-se mais autônomos de seus pais, inserem de forma efetiva no mercado de trabalho, tendo os próprios recursos, ou seja, é uma etapa da vida em que importantes transformações acontecem e repercutem sobre a identidade e comportamento dos jovens. À medida que o indivíduo assume papéis sociais destinados aos adultos, significa que ele está trocando as atribuições sociais da juventude por aquelas destinadas à maioridade. (Oliveira et. al, 2006).

Logo, o estudo da transição para a vida adulta é um dos enfoques utilizados para compreender as transformações ocorridas entre os jovens na sociedade contemporânea nas últimas décadas. O entendimento desse processo tem sido objeto de análise dos mais variados campos de conhecimento, perpassando, em especial, as ciências sociais. Em relação, a demografia brasileira este tema é de grande relevância, por constituir um objeto de estudo relativamente recente, que ainda existem poucas pesquisas na área.

O presente trabalho pretende analisar de forma particular o nascimento do primeiro filho, que é um dos eventos que marca a transição para a vida adulta. Além disso, uma nova família é formada quando acontece o casamento ou o nascimento do primeiro filho. A questão de interesse deste estudo é sobre o tempo até o nascimento do primeiro filho. Ao considerar que o nascimento do primeiro filho é uma forma de assegurar a formação de uma nova família.

2. Marco Teórico

Desde a década de 70, os estudos sobre a transição para a vida adulta começaram a analisar esse processo como algo dinâmico. Anteriormente os modelos tradicionais privilegiavam uma linearidade e previsibilidade dos eventos relativos a essa fase da vida. As transformações ocorridas no mercado de trabalho, nos arranjos familiares e nos padrões de nupcialidade repercutiram na trajetória dos jovens tornando-as mais heterogêneas. Sendo possível, portanto observar etapas do processo de transição que ocorrem concomitantemente, fases são adiadas e outras não são vividas pelos jovens. Uma tendência observada na contemporaneidade é o adiamento das idades em que as etapas de transição para a vida adulta ocorrem, sugerindo um prolongamento da juventude. As gerações recentes tendem a estender essa fase da vida para idades acima dos 30 anos de idade. (Camarano, 2006).

A análise sobre o *timing* e a sequência dos eventos ao longo do processo de transição para a vida adulta é de suma importância para uma visão mais integrada das transformações que caracterizam esse período do ciclo de vida e permite a realização de interconexões entre os diferentes eventos desse processo (Nascimento, 2006). No entanto, esse tipo de análise é difícil de ser desenvolvida devido a falta de base de dados que coletam informações sobre a idade exata da ocorrência de cada um desses eventos. O estudo em questão tem como interesse principal estudar o tempo até o nascimento do primeiro filho, sendo este evento visto como a última etapa do processo de transição para a vida adulta, em sua definição clássica.

2.1 Entrada na parentalidade: nascimento do primeiro filho

Na definição clássica da transição da vida adulta os seguintes eventos definem o processo: saída da escola, entrada no mercado de trabalho, casamento, saída da casa dos pais ou de origem e nascimento do primeiro filho. Nota-se que dentre os cinco eventos, o nascimento do primeiro filho, normalmente acontece mais tarde que os outros. (Nascimento, 2006).

No entanto, as transformações ocorridas na modernidade em que existe uma dissociação entre o matrimônio e o início das relações sexuais, originam possibilidades de exercício da sexualidade na juventude e com isso a maior chance de ocorrência da gravidez na adolescência. Nessas situações, o nascimento do primeiro filho muitas vezes ocorre antes dos demais eventos que marcam a transição para a vida adulta. Isso mostra novamente como é complexo procurar definir a sequência desses eventos. No presente estudo, o interesse está relacionado ao tempo que ocorreu o nascimento do primeiro filho e não na série dos acontecimentos do processo de transição.

Os estudos sobre transição para a vida adulta apontam uma diferença da transição por sexo. Os homens tendem a entrar primeiro no mercado de trabalho, enquanto as mulheres geralmente casam-se ou tem o primeiro filho mais cedo. No entanto, quando se estuda apenas a questão da parentalidade a análise é feita geralmente para as mulheres. A falta de estudos que consideram os homens muitas vezes deve-se ao fato da dificuldade de medir o número de filho que uma pessoa do sexo masculino teve nessa fase da vida. Tanto por casos de omissão quanto de desconhecimento da paternidade. Mas estudos como o de Michael e Tuma (citado por Nascimento, 2006) apontam que as mulheres estadunidenses transitam para a fase adulta mais cedo do que os homens estadunidenses quando considera a entrada na parentalidade.

No caso brasileiro, em que se observa uma queda acentuada da fecundidade os dados sobre a maternidade das jovens entre 15 a 24 anos aponta um adiamento na idade mediana de entrada na maternidade. Em 1981, a idade mediana era de 18,2 anos e em 2001 foi igual a 20,6 anos (Arruda citado por Nascimento, 2006). No entanto, quando se analisa por condições socioeconômicas observa-se que as jovens de baixa renda antecipam a idade que elas possuem filhos, em contraposição as mulheres de renda mais alta que adiam o momento que têm o primeiro filho.

O nível educacional das jovens também influencia a idade do nascimento do primeiro filho. As jovens mais escolarizadas postergam o nascimento do primeiro filho. Além da educação do indivíduo, a educação dos pais constitui um importante determinante para a entrada na parentalidade. Existe uma associação negativa entre a jovem ter o primeiro filho e o nível educacional dos pais. (Oliveira et al, 2006).

O nascimento do primeiro filho por constituir um evento que marca a transição da vida adulta, também é um determinante da constituição de uma nova família, juntamente com o casamento e a saída da casa dos pais. Tais eventos são fortemente relacionados, embora na atualidade exista uma maior dissociação entre eles. Nesse sentido, existem indivíduos que tem o primeiro filho, mas não se casam ou saem da casa dos pais (Camarano, 2006). Portanto, ao estudar o nascimento do primeiro filho é possível discutir tanto a transição para a vida adulta, quanto a formação da família.

3. Objetivos

- Analisar a relação entre a idade que o jovem entrou na parentalidade e a transição da vida adulta,

- Analisar os diferenciais sociodemográficos associados ao tempo de nascimento do primeiro filho para os jovens brasileiros em 2008.

4. Fonte de dados e variáveis

A base de dados utilizada neste estudo é referente a pesquisa “Jovens Brasileiros” realizada pela Folha de São Paulo, em 2008. Foram entrevistados 1520 jovens entre 16 e 25 anos, de 168 municípios brasileiros. O levantamento dos entrevistados foi feito por meio de abordagens em pontos de fluxo populacional com cotas de sexo e idade e sorteio aleatório dos pesquisados. Tendo representatividade de quatro universos: regiões Sul, Sudeste, Nordeste e Norte/Centro-Oeste.

Foram aplicados dois questionários: um aplicado pelo pesquisador e outro autopreenchido, que tratava de questões mais íntimas (sexo e droga). A pesquisa abrange diversos aspectos da juventude, tais como: família, educação, gravidez, valores, sexo, consumo e gostos.

A descrição das variáveis que compõem a base de dados segue abaixo:

Quadro 1: Descrição das variáveis do banco de dados

Variável	Descrição
id	Identificação do jovem
Tempo Inicial	Menor idade relatada que os entrevistados experimentaram o evento
Tempo Final	Idade do indivíduo no momento da entrevista
Tempo	Tempo de sobrevivência, medido em anos (fim - início)
Status	0 = Censura 1 = Nascimento do primeiro filho
Idade ao ter o primeiro filho	Variável discreta Entre 12 e 25 anos
Idade da 1ª relação sexual	0 = Até 12 anos 1 = Entre 13 e 15 anos 2 = Entre 16 e 17 anos 3 = Com 18 anos ou mais 88 = NA
Planejamento do primeiro filho	0 = Não 1 = Sim 88 = NA
Sexo	0 = Feminino 1 = Masculino
Raça/Cor	0 = Não-branco 1 = Branco . = Missing

Religião	0 = Católica 1 = Evangélica 2 = Outra
Escolaridade do chefe de família	0 = Fundamental 1 = Médio 2 = Superior . = Missing
Regiões	0 = Sudeste 1 = Sul 2 = Nordeste 3 = Norte/Centro-Oeste

* Os jovens que não tiveram o primeiro filho foram censurados à direita neste estudo, porque até o tempo da realização da pesquisa o jovem não experimentou o evento em análise.

* A variável sexo será composta pelas duas categorias, mesmo que em outros estudos a análise seja feita apenas para a mulher, porque os dados são mais confiáveis. Ao incorporar os jovens de ambos os sexos pretender-se avaliar a existência de uma diferença por sexo na transição da vida adulta.

* A categoria “branco” inclui aqueles que se declaram amarelos e brancos e a categoria “não-brancos” agrega os que se declaram pretos, pardos e indígenas.

5. Metodologia

No presente trabalho foi utilizada a análise de dados discretos de sobrevivência, pois a variável idade até o nascimento do primeiro filho é uma medida discreta. Além disso, existem muitos casos de empate (duas ou mais falhas ocorridas ao mesmo tempo).

Para a realização da análise descritiva foi utilizado o estimador Kaplan-Meier que estima a curva de sobrevivência. Por meio da curva de sobrevivência é possível descrever a experiência de sobrevivência do grupo estudado. Além disso, o método Kaplan-Meier com estratificação, permite comparar a curva de sobrevivência por distintas características (sexo, raça, escolaridade). A fim de avaliar separadamente cada categoria do aspecto em análise. No entanto, para que seja possível comparar estatisticamente as diferenças entre as curvas no método Kaplan-Meier com estratificação é preciso realizar testes de hipóteses. O teste log-rank é um dos mais usados quando se deseja comparar as curvas de sobrevivência de distintos grupos. As hipóteses do teste de log-rank são as seguintes: (Carvalho et. Al, 2011)

H_0 : Não há diferença entre as curvas

H_1 : Há diferenças entre as curvas

A fim de analisar o tempo discreto será utilizado o modelo de regressão logística. A estrutura da regressão é dada em termos de probabilidade de um indivíduo sobreviver a um tempo condicional dada sua sobrevivência ao tempo anterior.

A análise exploratória dos dados é dada pela função taxa de risco acumulada e de sobrevivência que são medidas sumárias para descrever a distribuição do evento ao longo do tempo. De acordo com Singer (2003), a função taxa de risco é a probabilidade condicional de que o indivíduo i vai experimentar o evento no período de tempo j , uma vez que ele não experimentou em qualquer período de tempo anterior. Sendo que o risco de tempo discreto deve ser um valor entre 0 e 1. Já a função de sobrevivência refere-se a probabilidade do indivíduo i sobreviver passado o período j .

5.1 Definição do modelo

O principal objetivo em modelar o risco em tempos discretos é selecionar uma representação apropriada para a forma comum das funções de risco. A forma da função taxa de risco deve ser descrita em toda a extensão do tempo e o seu valor deve ser entre 0 e 1. Para garantir isso será feita uma transformação logit em log *odds*. A escala logit é preferível à taxa de risco e a *odds*, porque ela torna a distância entre as funções mais comparáveis ao longo do tempo, facilitando, portanto, a comparação e a modelagem.

O efeito da transformação logit depende da magnitude do risco estimado. Se os valores dos riscos são pequenos a transformação logit aumenta a distância entre os riscos, já se os riscos são grandes a transformação logit diminui a distância entre os riscos (Singer, 2003).

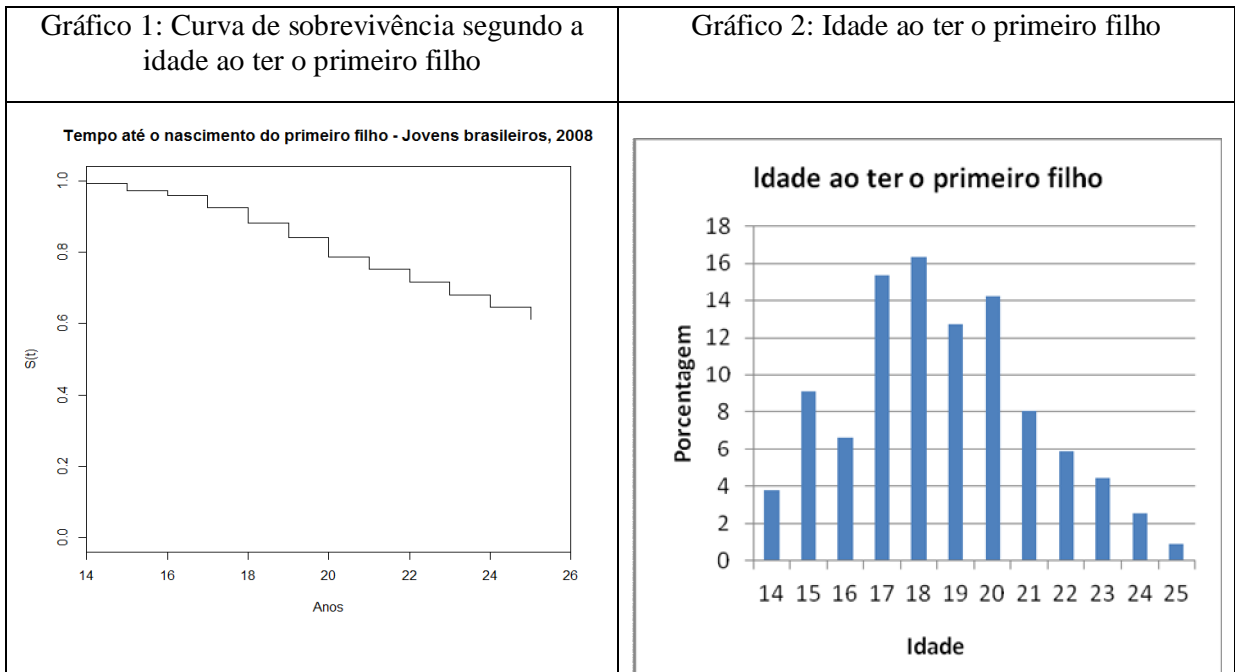
5.2 Representação Formal do Modelo de Tempo Discreto Populacional

A probabilidade do risco de tempo discreto para uma pessoa i no período de tempo j refere-se a probabilidade do indivíduo experimentar o evento no período i condicional no não acontecimento anterior do evento e em valores assumidos para as P variáveis independentes neste período, como pode ser visto na equação abaixo:

$$h(t_{ij}) = P[T_i = j | T_i \geq j, X_{1ij} = x_{1ij}, X_{2ij} = x_{2ij}, \dots, X_{Pij} = x_{Pij}]$$

6. Análise descritiva

Nessa pesquisa 20,92% (318) dos jovens têm filhos e 79,8% não têm filhos (1.202). A idade mínima ao ter o primeiro filho são 14 anos e a máxima são 25 anos. Esses dados iniciais mostram que aproximadamente 80% dos jovens não transitaram para a idade adulta ao considerar como evento que marca este processo o nascimento do primeiro filho. A curva de sobrevivência segundo a idade ao ter o primeiro filho indica a inexistência de um ponto mediano, que significa o ponto em que 50% dos indivíduos sofreram o evento (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**). Dentre os 318 jovens que entraram na parentalidade a maior parte teve o primeiro filho entre 17 e 20 anos (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**).



Fonte: Jovens Brasileiros, DataFolha 2008.

Ao analisar a curva de sobrevivência pelas variáveis explicativas do modelo, juntamente com o teste de log-rank observa que para a curva de sobrevivência por sexo, a curva das mulheres está sempre abaixo da curva masculina. Esse padrão sugere que, para qualquer tempo de sobrevivência considerado, a probabilidade de sobreviver por mais tempo é sempre menor para as mulheres do que para os homens. Sendo que essa diferença observada por sexo é significativa ($p= 4.31e-12$).

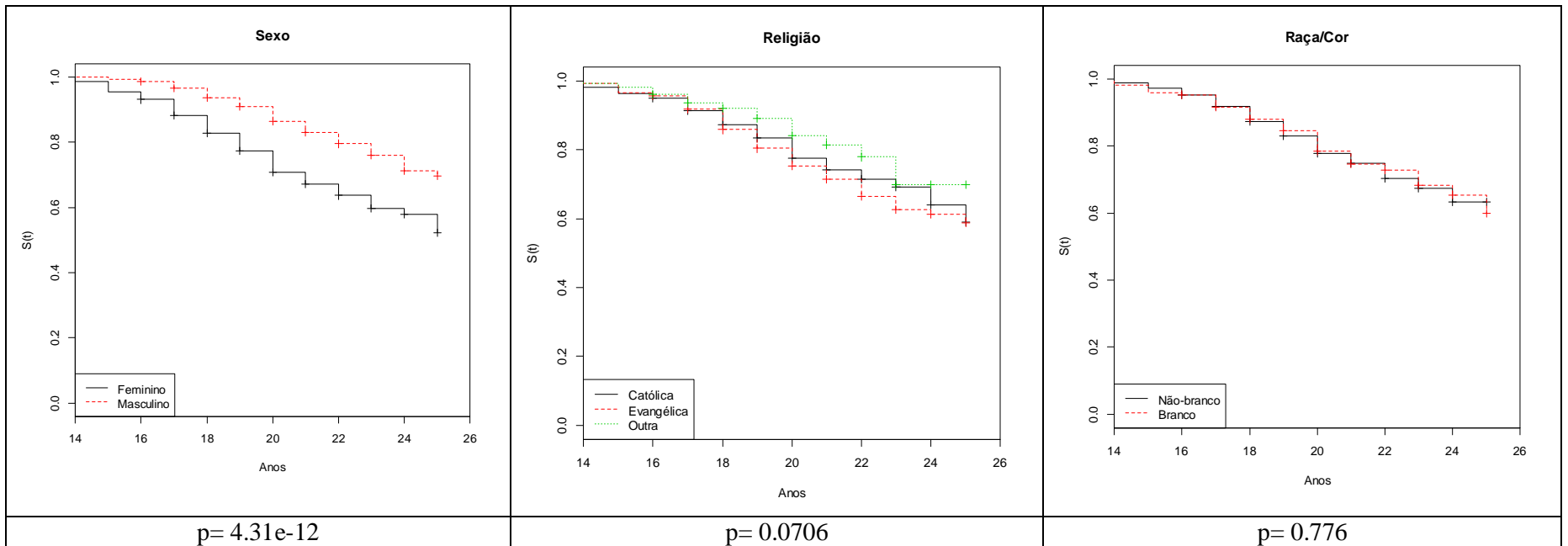
Em relação a religião e raça/cor do jovem entrevistado o teste de log-rank indica não existir diferença significativa entre o tempo até o nascimento do primeiro filho entre as religiões (católica, evangélica e outra). O teste também sugere que a diferença na sobrevivência de não-brancos e brancos não é significativa.

Além dessas três variáveis referentes às características demográficas do indivíduo, procurou-se analisar a probabilidade de sobrevivência por idade da primeira relação sexual e planejamento do primeiro filho. Observa-se que quanto mais velho o jovem teve a primeira relação maior é a probabilidade dele não ser pai/mãe, sendo tal diferença comprovada estatisticamente.

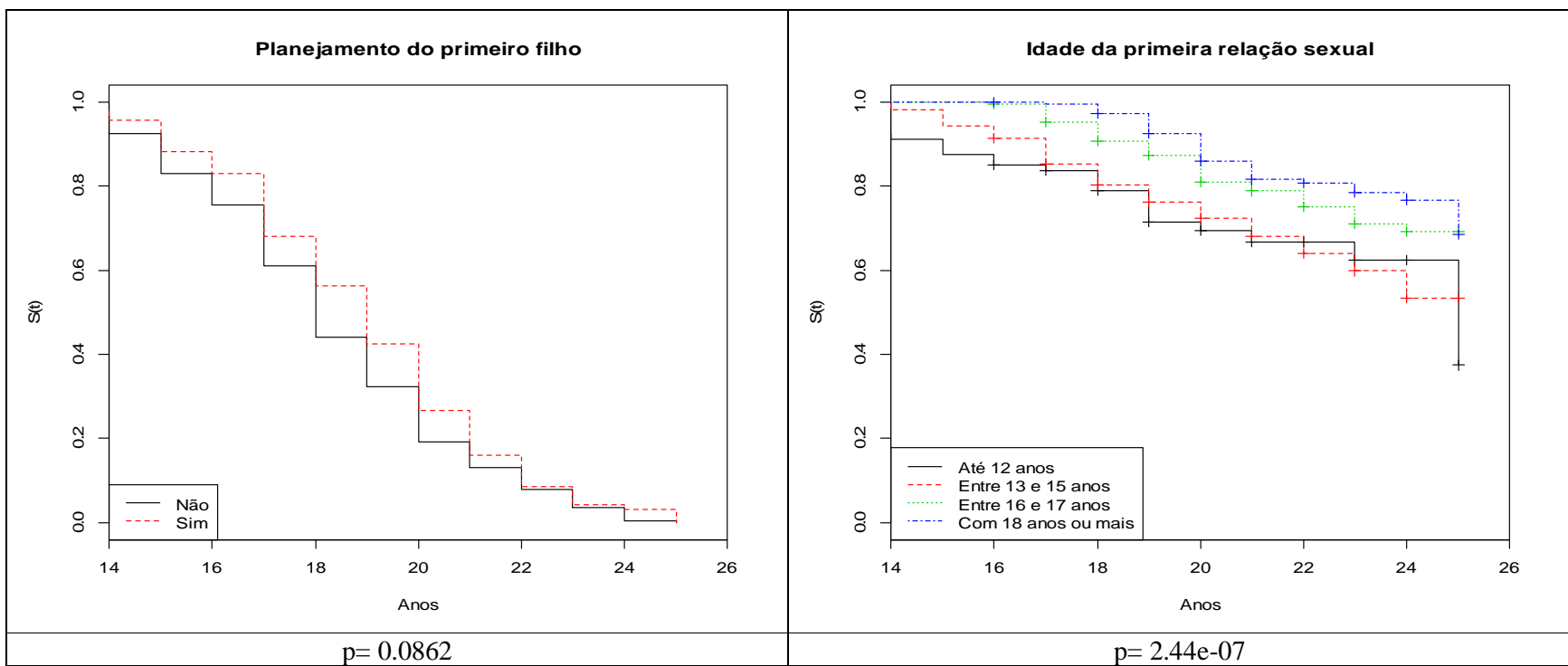
O gráfico sobre a curva de sobrevivência segundo a escolaridade do chefe de família mostra que curva dos chefes de família com ensino superior está sempre acima das outras duas curvas de sobrevivência que se referem ao ensino fundamental e médio. Sendo que a diferença mostrada pelo gráfico entre o ensino fundamental e médio não é muito grande. Pelo teste log-rank pode-se afirmar que existe uma diferença na sobrevivência por nível de escolaridade do chefe de família.

A última variável considera a região de residência dos jovens. Não há diferença estatística entre morar no Sudeste, Sul, Nordeste, Norte/Centro-Oeste e a probabilidade de ser pai/mãe (Gráfico 3).

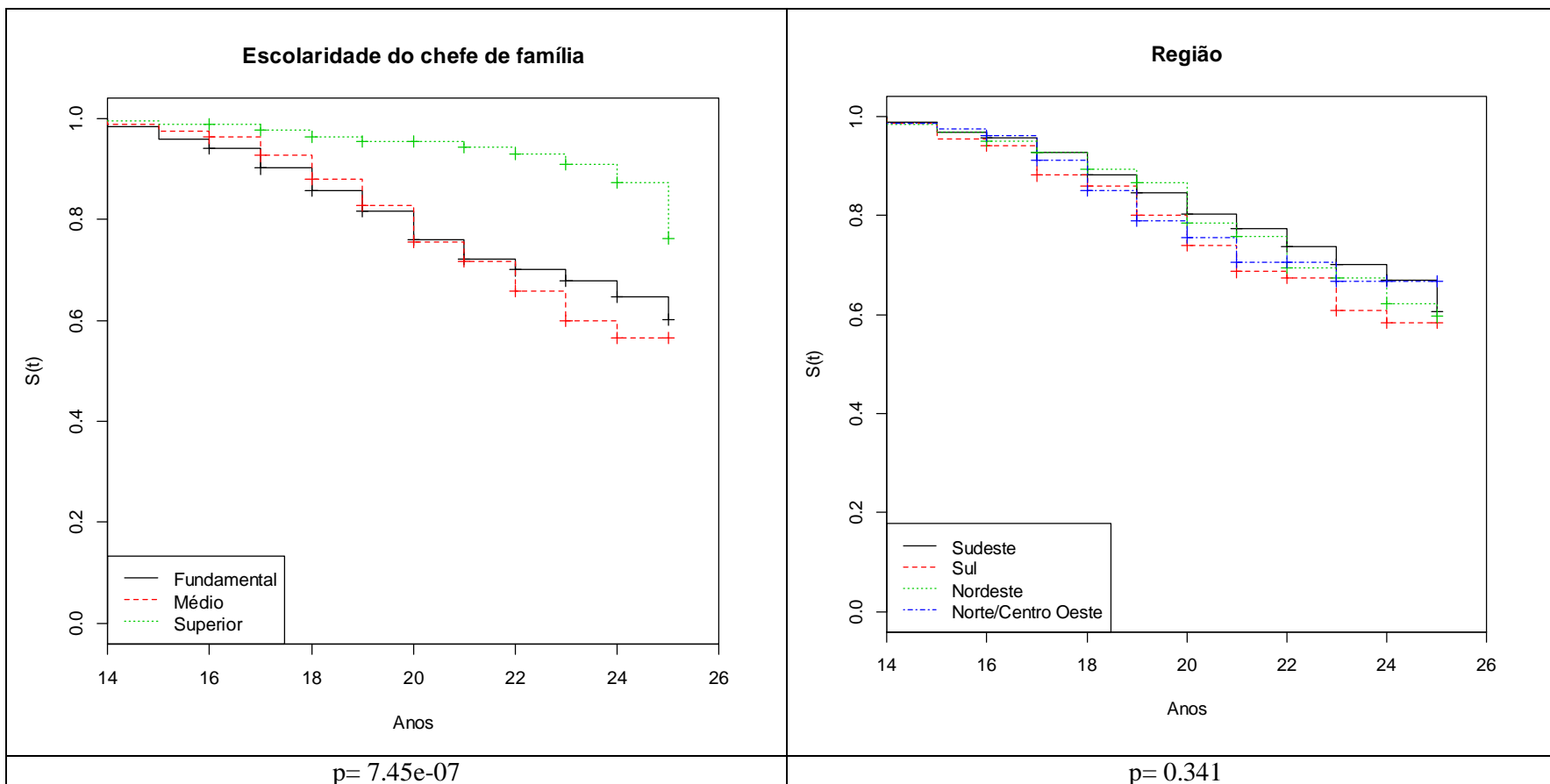
Gráfico 3: Kaplan-Meier estratificado pelas variáveis independentes e Teste log-rank



Fonte: Jovens Brasileiros, DataFolha 2008.



Fonte: Jovens Brasileiros, DataFolha 2008.



Fonte: Jovens Brasileiros, DataFolha 2008.

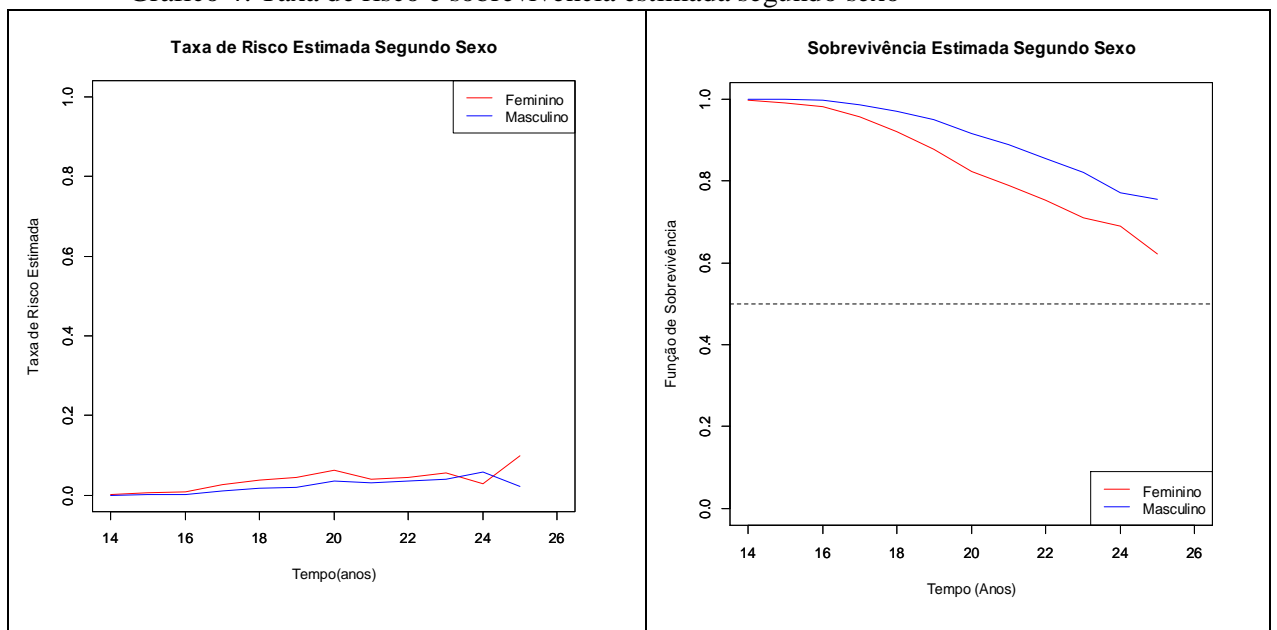
7. Modelo de Regressão Logística, para tempo discreto

A análise de regressão logística que será feita irá deter-se exclusivamente nas variáveis que foi comprovada significância estatística no teste log-rank, sendo as seguintes: sexo, idade da primeira relação sexual e escolaridade do chefe de família.

A fim de melhor compreender o comportamento do tempo até o nascimento do primeiro filho segundo as variáveis em análise, será descrito o comportamento das curvas de risco e de sobrevivência. As curvas de riscos associam o risco com cada período de tempo, por isso tendem a ser mais sensíveis na descrição dos padrões do evento ocorrido. Já a curva de sobrevivência mostra um efeito acumulado.

O risco de ter o primeiro filho entre os 14 e 16 anos é bem pequeno, sendo que com o aumento da idade o risco também tende a aumentar. O risco é maior entre as mulheres do que os homens. Ao analisar a curva de sobrevivência observa-se que quando o risco é baixo, a função de sobrevivência cai mais lentamente, como nos períodos iniciais (Gráfico 4).

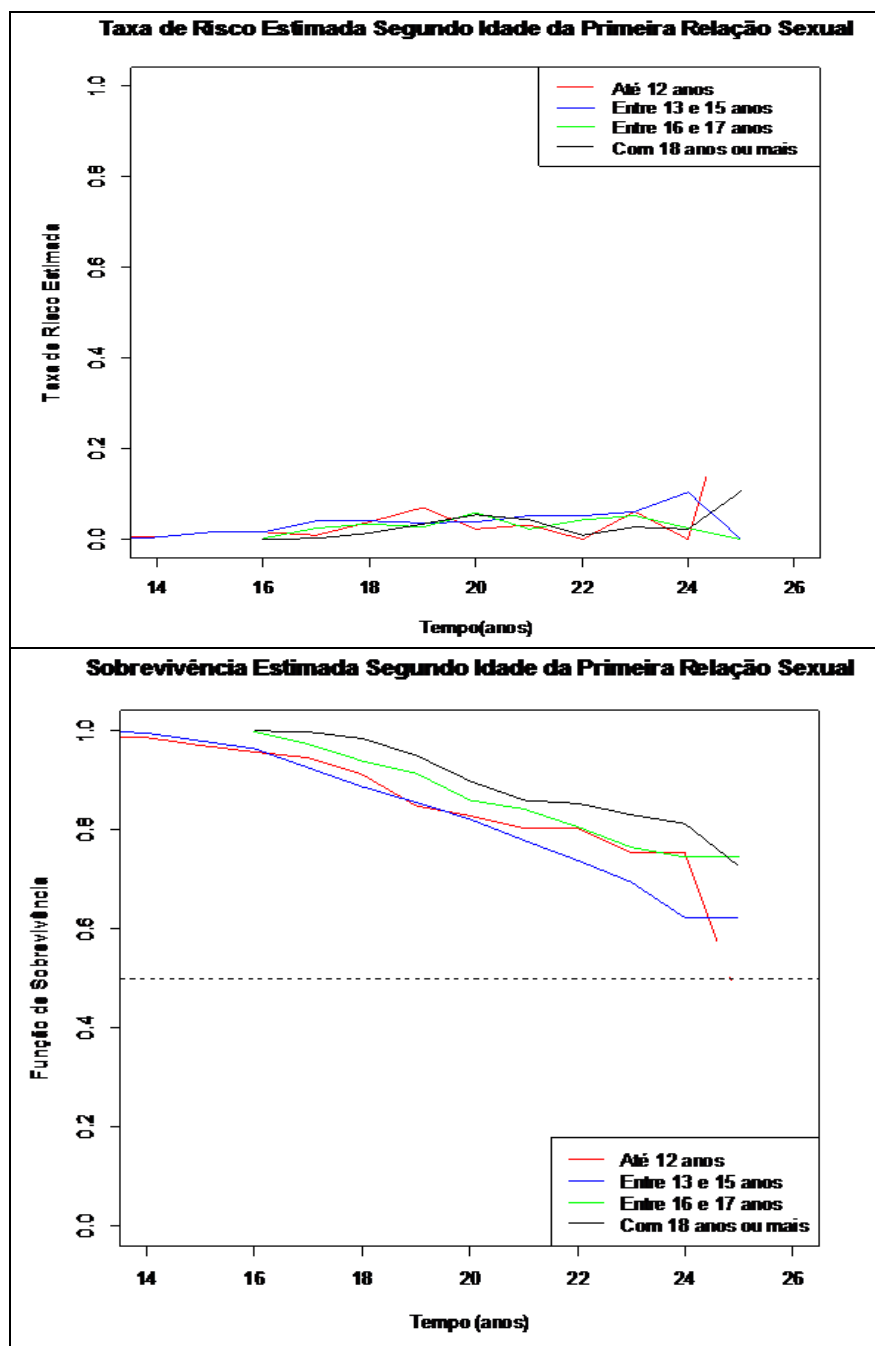
Gráfico 4: Taxa de risco e sobrevivência estimada segundo sexo



Fonte: Jovens Brasileiros, DataFolha 2008.

Em relação o risco de ter o primeiro filho segundo idade da primeira relação sexual, o risco é pequeno ou inexistente entre os 14 e 16 anos. Entre os 18 e 20 anos tem um pico para os jovens que tiveram a primeira relação sexual até os 12 anos, outro pico é observado entre 22-24 anos. A curva de sobrevivência mostra que a probabilidade de sobreviver é maior para os jovens que tiveram a primeira relação sexual mais tarde. O resultado é intuitivo, uma vez que somente a partir da primeira relação sexual é que os indivíduos estão expostos ao risco de ter filho. Portanto, há uma relação entre idade da primeira relação sexual e nascimento do primeiro filho (Gráfico 5).

Gráfico 5: Taxa de risco e sobrevivência estimada segundo, idade da primeira relação sexual



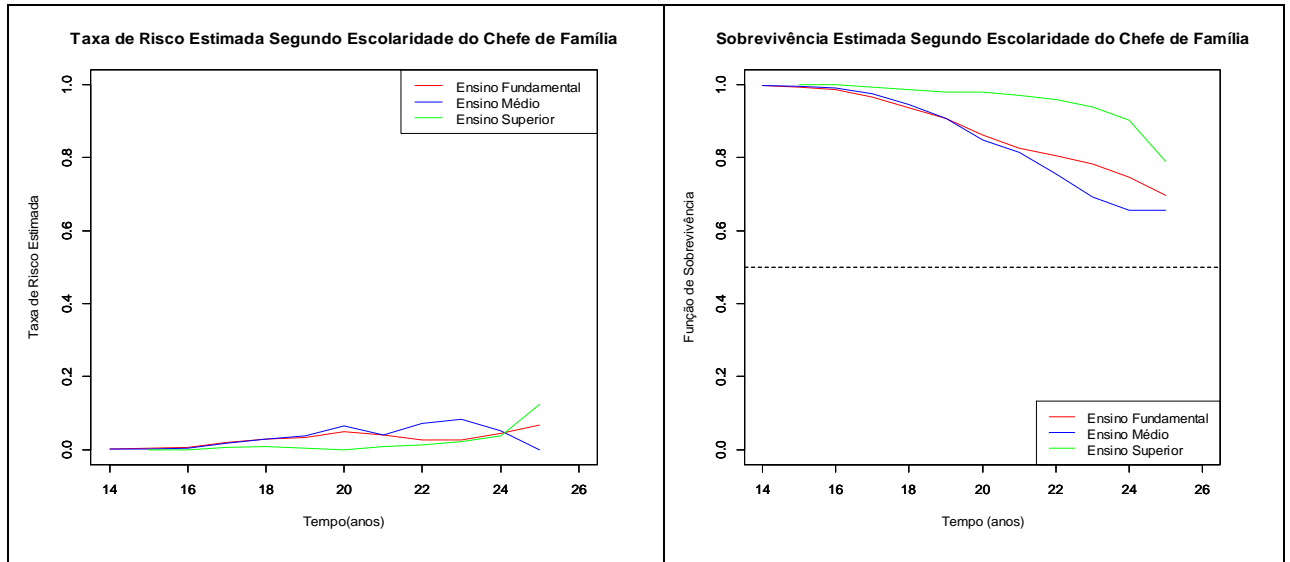
Fonte: Jovens Brasileiros, DataFolha 2008.

Ainda analisando a taxa de risco e a sobrevivência só que segundo a escolaridade do chefe de família. Nota-se que o menor risco de ter o primeiro filho refere-se aos chefes de família com ensino superior. Nas idades mais velhas é que o risco começa a aumentar. Entre os 20 anos observa-se a existência de um pequeno pico, tanto para os chefes de família com ensino fundamental, quanto médio. Para os chefes

de família com ensino médio há outro aumento de risco entre os 22-24 anos. A curva de sobrevivência mostra como há uma diferença grande, principalmente depois dos 19 anos, na probabilidade de sobreviver entre os chefes de família com ensino superior, quando comparado aos que tem ensino médio e fundamental.

Em todas as curvas de sobrevivência estimadas nota-se que não foi possível estimar o tempo de sobrevivência mediano, porque o evento em análise, nascimento do primeiro filho, não foi observado para metade da amostra.

Gráfico 6: Taxa de risco e sobrevivência estimada segundo escolaridade do chefe de família

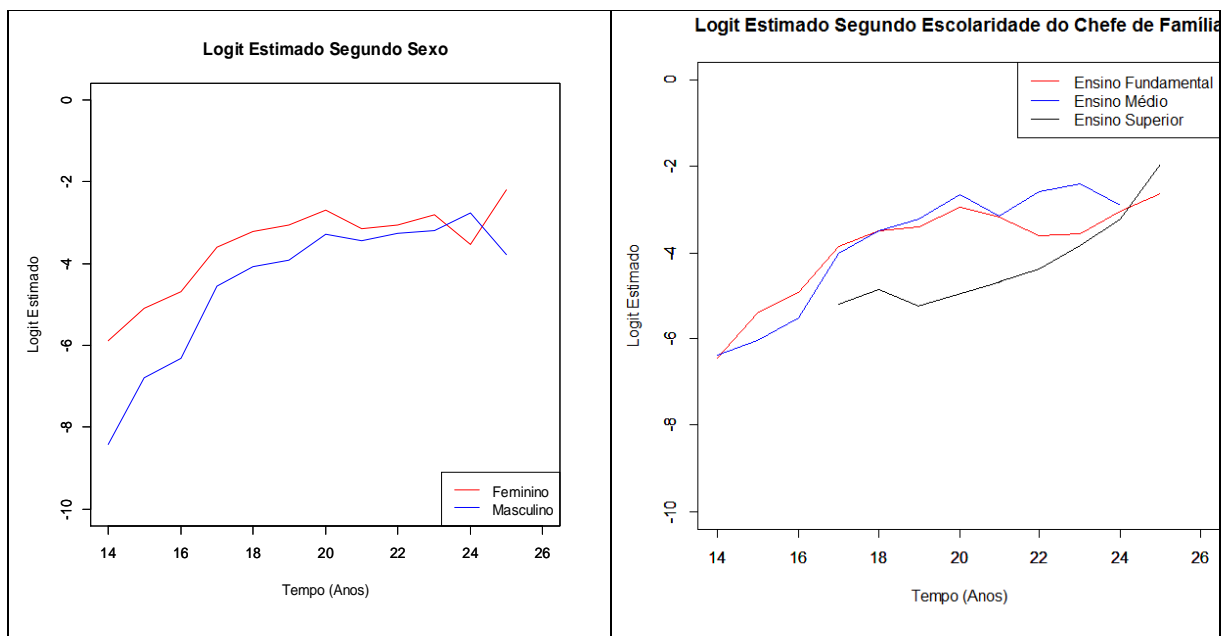


Fonte: Jovens Brasileiros, DataFolha 2008.

Com a finalidade de melhor descrever a forma da função taxa de risco em toda a extensão do tempo foi feita a transformação logit, porque ela estabiliza a diferença entre as curvas. O Gráfico 7 sobre logit estimado mostra que para a variável sexo os riscos são menores nas idades mais jovens, a partir dos 20 anos os riscos são maiores do jovem ter o nascimento do primeiro filho.

Já no que se refere a escolaridade do chefe de família observa-se primeiramente que a distância entre as curvas referente ao ensino fundamental e médio estão bem próximas, apontando para um maior risco. Já a curva dos chefes de família com ensino superior fica bem distante das outras duas, nas faixas etárias entre 18 e 22 anos, o que indica que os valores dos riscos são pequenos. À medida que o risco aumenta entre os mais escolarizados diminui a distância entre as três curvas.

Gráfico 7: Logit estimado (hazard) segundo variáveis independentes



Fonte: Jovens Brasileiros, DataFolha 2008.

7.1 Resultado dos ajustes dos modelos

Após a análise descritiva dos dados foi gerado o modelo de regressão logística que contém todas as variáveis independentes, conforme mostra a

Tabela 1. O Modelo A é somente com o período, os Modelos B, C e D é composto pelos períodos e por uma variável independente (sexo, escolaridade do chefe da família e idade da primeira relação sexual) e o Modelo E é o modelo completo.

O Modelo A permite analisar se o risco aumenta, diminui ou se mantém constante no tempo. Se os valores de alfa são aproximadamente constante, significa que o risco não se relaciona com o tempo. Já se os valores de alfa são maiores no período inicial comparado com o final, o risco diminui com o tempo.

De forma geral, os valores de alfa no Modelo A diminui com o tempo, mas a partir de uma análise mais acurada nota-se que os valores de alfa aumentam depois do período 15 até o período 20. Depois desse período o valor tende a decrescer. Ou seja, não tem um único padrão de risco, os dados sugerem que entre os 16 e 20 anos há um aumento no risco de ter o primeiro filho, depois esse risco tende a diminuir com o tempo.

Dos Modelos B, C e D o único que a variável independente obteve valores não significativos foi em relação a idade da primeira relação sexual.

Por fim, o Modelo E com a incorporação de todas as variáveis independentes ajusta-se melhor aos dados do que os anteriores, nele as três variáveis são significativas. Por exemplo, em relação a variável sexo, observa-se que qualquer que seja a idade do jovem, os homens apresentam uma diminuição de 66,23% na chance de ter o primeiro

filho, comparado as mulheres. As outras variáveis também tem uma relação negativa com a chance de ter o primeiro filho.

Tabela 1: Resultado do Ajuste dos Modelos

RESULTADO DO AJUSTE DOS MODELOS					
	MODELO A	MODELO B	MODELO C	MODELO D	MODELO E
Variável	Estimativa				
D14	14,56607 (254,82606)	14,61319 (254,31164)	14,63029 (254,68888)	14,66010 (312,05910)	14,97229 (311,68042)
D15	14,56607 (163,92133)	14,66183 (163,32050)	14,61639 (166,71299)	14,66010 (180,16741)	15,18483 (180,87151)
D16	-1,97155*** (0,16091)	-1,76582*** (0,16297)	-1,88480*** (0,16240)	-1,18854*** (0,18772)	-0,34158 (0,19946)
D17	-1,08463*** (0,09639)	-0,87821*** (0,09974)	-1,01238*** (0,09828)	-0,42307*** (0,11870)	0,48718*** (0,13700)
D18	-1,41099*** (0,07886)	-1,19724*** (0,08279)	-1,33150*** (0,08168)	-1,01612*** (0,10313)	-0,10443 (0,12144)
D19	-1,22378*** (0,08044)	-1,01239*** (0,08433)	-1,14054*** (0,08384)	-0,83832*** (0,10792)	0,19901 (0,13187)
D20	-0,81831*** (0,07306)	-0,56384 (0,07936)	-0,73356*** (0,07700)	-0,65266*** (0,10512)	0,40317** (0,12985)
D21	-1,49478*** (0,085357)	-1,24879*** (0,09018)	-1,40758*** (0,08886)	-1,25200*** (0,11061)	-0,19797*** (0,13391)
D22	-1,83468*** (0,08735)	-1,59070*** (0,09182)	-1,71921*** (0,09240)	-1,76371*** (0,12051)	-0,62333*** (0,14510)
D23	-1,92529*** (0,09536)	-1,66289*** (0,10014)	-1,82050*** (0,09981)	-1,71277*** (0,12010)	-0,54845*** (0,14709)
D24	-2,30259*** (0,11726)	-2,04352*** (0,12104)	-2,19523*** (0,12104)	-2,01666*** (0,13697)	-0,86036*** (0,15875)
D25	-2,87639*** (0,15494)	-2,60934*** (0,15797)	-2,80323*** (0,15627)	-2,57358*** (0,16836)	-1,50348*** (0,18290)
Sexo		-0,48852*** (0,06004)			-1,08656*** (0,07456)
Fator(Escolaridade do chefe da família)1			0,38591*** (0,06210)		0,41994*** (0,06997)
Fator(Escolaridade do chefe da família)2			-1,10922*** (0,13655)		-0,95630*** (0,14137)
Fator(Idade da primeira relação sexual)1			0,02044 (0,13543)		-0,25956* (0,13943)
Fator(Idade da primeira relação sexual)2			-0,38300** (0,14016)		-1,01429*** (0,15015)
Fator(Idade da primeira relação sexual)3			-0,08456 (0,14865)		-0,95105*** (0,16359)
n	1520	1520	1520	1520	1520
DEVIANCE	7343,8	7276,8	7324,9	6134,6	5924,8
AIC	7367,8	7302,8	7350,9	6160,6	595,8

Fonte: Jovens Brasileiros, DataFolha 2008.

8. Conclusão

De forma geral, a grande maioria dos jovens brasileiros entre 16-25 anos de idade não transitou para a vida adulta, quando se analisa o nascimento do primeiro filho. Para aqueles que transitaram há uma diferença por sexo. As mulheres tem um risco maior de transitar para a idade adulta do que os homens, quando analisa-se a parentalidade. Esse resultado corrobora com os estudos anteriores que mostram uma distinção por sexo quando estuda-se cada um dos eventos da transição da vida adulta. A educação do chefe de família é um fator importante na redução do risco de ter o primeiro filho. Diversos estudos internacionais e nacionais apontam uma relação negativa entre educação dos pais ou do chefe de família e a parentalidade. Por fim, também observa-se uma relação negativa entre idade da primeira relação sexual e o nascimento do primeiro filho.

Os achados dessa pesquisa refletem a experiência dos jovens brasileiros de 2008, logo, a transição para a vida adulta quando se analisa o nascimento do primeiro ativamente pode ser diferente do resultado encontrado. Na verdade, com o prolongamento da juventude os jovens tendem a ter filhos mais tarde. No entanto, esse prolongamento da juventude quando se analisa o sexo e o nível educacional ocorre de forma diferenciada. As mulheres e filhos com pais ou chefes de família com menor escolaridade são os grupos com maior risco de experimentar a transição da vida adulta, quando se tem como evento de referência o nascimento do primeiro filho.

Referências Bibliográficas

CAMARANO, A.A.; MELLO, J.L.; KANSO, S. Do nascimento à morte: principais transições. In: CAMARANO, A.A. (Org). Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição? Rio de Janeiro: IPEA, 2006b. p. 31-60.

CAMARANO, A.A.; MELLO, J.L.; KANSO, S.; ANDRADE, A. O processo de constituição de família entre os jovens: novos e velhos arranjos. In CAMARANO, A.A. (Org). Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição? Rio de Janeiro: IPEA, 2006. p. 199-223.

CARVALHO, MS, ANDREOZZI, VL, CODEÇO, CT, CAMPOS, D P, BARBOSA, MTS, SHIMAKURA, SE Análise de Sobrevida - Teoria e Aplicações em Saúde, 2a. ed. Editora Fiocruz, 2011, 434 p.

OLIVEIRA, Elzira Lúcia de ; RIOS NETO, E. L. G. ; OLIVEIRA, Ana Maria Hermeto Camilo de . Transições dos jovens para o mercado de trabalho, primeiro filho e saída da escola: o caso brasileiro. Revista Brasileira de Estudos da População, v. 23, p. 109-127, 2006.

Nascimento, Arlindo Mello Do. Transição Para A Vida Adulta: Situação Dos Filhos Adultos Brasileiros No Período 1970-2000. Dissertação 2006. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Escola Nacional de Ciências Estatísticas.
Singer, JD, Willett, JB Applied Longitudinal Data Analysis: Modeling Change and Event Occurrence, Oxford University Press, 2003, 672 p.

